

O lobo e os sete cabritinhos

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez uma velha cabra que tinha sete cabritinhos e os amava como uma mãe ama seus filhos. Um dia, quis ir à floresta buscar comida. Chamou os sete para perto de si e disse:

— Meus queridos filhos, vou sair para a floresta. Fiquem atentos ao lobo: se ele entrar aqui, vai devorar todos vocês, com pele e pelo. O malvado costuma se disfarçar, mas vocês logo o reconhecerão pela voz rouca e pelas patas pretas.

Os cabritinhos responderam:

— Querida mãe, nós vamos tomar cuidado. Pode ir sem se preocupar.

Então a velha cabra baliu e seguiu seu caminho, tranquila.

Não demorou muito, alguém bateu à porta da casa e gritou:

— Abram, meus queridos filhos! A mãe de vocês chegou e trouxe alguma coisa para cada um!

Mas os cabritinhos perceberam pela voz rouca que era o lobo.

— Não vamos abrir! — gritaram. — Você não é nossa mãe. Ela tem uma voz suave e doce, mas a sua é rouca. Você é o lobo!

O lobo foi então a um merceeiro e comprou um grande pedaço de giz. Comeu o giz e, com isso, deixou a voz suave. Depois voltou, bateu à porta da casa e gritou:

— Abram, meus queridos filhos! A mãe de vocês chegou e trouxe alguma coisa para cada um!

Mas o lobo tinha apoiado a pata preta na janela. Os filhos viram e gritaram:

— Não vamos abrir! Nossa mãe não tem uma pata preta como a sua. Você é o lobo!

O lobo correu então a um padeiro e disse:

— Bati a pata. Passe um pouco de massa sobre ela.

Quando o padeiro terminou de cobrir a pata com massa, o lobo correu ao moleiro e disse:

— Espalhe farinha branca sobre a minha pata.

O moleiro pensou: “O lobo quer enganar alguém”, e se recusou. Mas o lobo disse:

— Se você não fizer isso, eu devoro você.

O moleiro teve medo e deixou a pata dele branca. É, assim são os homens.

O malvado foi então pela terceira vez à porta da casa, bateu e disse:

— Abram para mim, filhos! A querida mãezinha de vocês voltou para casa e trouxe da floresta alguma coisa para cada um!

Os cabritinhos gritaram:

— Mostre primeiro a sua pata, para sabermos que você é nossa querida mãezinha.

Ele apoiou a pata na janela. Quando viram que era branca, acreditaram que tudo o que ele dizia era verdade e abriram a porta. Mas quem entrou foi o lobo. Eles se assustaram e tentaram se esconder. Um saltou para debaixo da mesa; o segundo, para dentro da cama; o terceiro, para dentro do forno; o quarto, para a cozinha; o quinto, para o armário; o sexto, para debaixo da bacia de lavar; e o sétimo, para dentro da caixa do relógio de parede. Mas o lobo os encontrou e não perdeu tempo: engoliu um depois do outro em sua goela. Só não encontrou o mais novo, que estava na caixa do relógio. Depois de satisfazer sua vontade, foi embora, deitou-se lá fora, no prado verde, debaixo de uma árvore, e começou a dormir.

Pouco depois, a velha cabra voltou da floresta para casa. Ah, o que teve de ver! A porta da casa estava escancarada. Mesa, cadeiras e bancos estavam revirados; a bacia de lavar estava em cacos; tinham arrancado da cama a coberta e o travesseiro. Ela procurou os filhos, mas não conseguiu encontrá-los em parte alguma. Chamou um por um pelo nome, mas ninguém respondeu. Por fim, quando chamou o mais novo, uma vozinha suave gritou:

— Querida mãe, estou dentro da caixa do relógio!

Ela o tirou de lá, e ele contou que o lobo tinha vindo e devorado todos os outros. Vocês podem imaginar o quanto ela chorou por seus pobres filhos.

Por fim, saiu de casa em sua aflição, e o cabritinho mais novo foi junto. Quando chegou ao prado, lá estava o lobo, deitado junto à árvore, roncando tanto que os galhos tremiam. Ela o examinou de todos os lados e viu que alguma coisa se mexia e se debatia dentro da barriga cheia dele.

“Ah, meu Deus!”, pensou. “Será que meus pobres filhos, que ele engoliu como jantar, ainda estão vivos?”

O cabritinho teve de correr para casa e buscar tesoura, agulha e linha. Então ela abriu a pança do monstro com a tesoura. Mal fez um corte, um cabritinho já pôs a cabeça para fora. À medida que continuava a cortar, os seis saltaram para fora, um depois do outro. Todos ainda estavam vivos e nem sequer tinham se machucado, pois o monstro, em sua voracidade, os havia engolido inteiros. Que alegria! Abraçaram a querida mãe e pulavam como um alfaiate em seu casamento. Mas a velha cabra disse:

— Agora vão procurar pedras grandes. Vamos encher com elas a barriga desse bicho sem Deus, enquanto ele ainda dorme.

Os sete cabritinhos trouxeram as pedras às pressas e as puseram na barriga dele, tantas quantas conseguiram fazer caber. Depois, a velha cabra tornou a costurá-lo com toda a rapidez, de modo que ele não percebeu nada e nem sequer se mexeu.

Quando o lobo finalmente acabou de dormir, pôs-se de pé. Como as pedras no estômago lhe davam muita sede, quis ir a um poço para beber. Mas, quando começou a andar e a se movimentar, as pedras em sua barriga batiam umas nas outras e faziam barulho. Então ele gritou:

*“O que ronca e retumba
dentro da minha barriga?
Pensei que fossem seis cabritinhos,
mas são só pedras.”*

Quando chegou ao poço e se inclinou sobre a água para beber, as pedras pesadas o puxaram para dentro, e ele teve de se afogar miseravelmente. Ao verem isso, os sete cabritinhos vieram correndo e gritaram bem alto:

— O lobo morreu! O lobo morreu!

E dançaram de alegria com a mãe ao redor do poço.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-lobo-e-os-sete-cabritinhos>